

## A alteridade e o conto *A rosa caramela*, de Mia Couto

### Alterity and the short story *A rosa caramela*, de Mia Couto

Jaqueline Chassot\*

---

**Resumo:** Este artigo tem por pretensão apresentar algumas considerações acerca da temática da alteridade e identificar aspectos a ela relacionados no conto “A Rosa Caramela”, publicado no livro *Cada homem é uma raça* (1998), do escritor moçambicano Mia Couto. Rosa Caramela é uma personagem singular, pois tem um comportamento diferenciado, atitudes inabituais. Essas suas atitudes, como a adoração das estátuas, provocam estranhamento nas pessoas do lugar em que vive e causam a sua exclusão. Com essa situação apresentada no conto, temos, então, um texto literário bastante fértil para se observarem questões de alteridade, relação com o Outro e construção de identidade.

**Palavras-chave:** Alteridade. Identidade. Rosa Caramela.

**Abstract:** This article intends to raise some considerations about the theme of otherness and seeks to identify aspects related to it in the short story “A Rosa Caramela”, published in the book *Cada homem é uma raça* (1998), by the Mozambican writer Mia Couto. Rosa Caramela is a unique character because she has a strange behavior and unusual attitudes. These attitudes, as the adoration of statues, cause estrangement to the people who live in the same place that Rosa and cause her exclusion from the community. These situations in the short story provide a fertile literary text to observe issues of otherness, the relation with the Other and construction of identity.

**Keywords:** Identity. Alterity. Rosa Caramela.

---

### Considerações iniciais

A obra *Cada homem é uma raça* (1998), do escritor moçambicano Mia Couto, constitui um conjunto de contos, e um deles é “A Rosa Caramela”. A protagonista dessa narrativa é Rosa Caramela, nome atribuído pelo povo à moça, que é corcunda: “Se conhecia assim, corcunda-marreca, desde menina” (COUTO, 1998, p.15). Devido a essa imperfeição física, ela é objeto de riso e exclusão por parte da comunidade. Tal situação, que evidencia o preconceito em relação ao diferente, possibilita trazer à luz a discussão sobre a alteridade.

---

\* Licenciada em Letras pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM); professora de Literatura do Colégio La Salle Medianeira - Cerro Largo. E-mail: <jaqchassot@yahoo.com.br>

Para introduzir a temática da alteridade, fazemos uso aqui das palavras de Nadja Hermann, quando conceitua que:

A alteridade é um outro, do qual depende a própria identidade. O outro e o eu estão numa relação complexa em que se remetem reciprocamente. Assim, o outro não só está fora como dentro do indivíduo. [...] o outro só existe para que o próprio sujeito possa se reconhecer. A alteridade seria, então, o meio necessário (enquanto negatividade) do reconhecimento do próprio sujeito como consciência de si. (HERMANN, 2006, p.72-73)

Vejamos como se apresenta a questão da alteridade no texto literário em estudo.

## 1. A alteridade e o conto “A rosa caramela”

A alteridade pode ser também chamada outridade, pois só existe na relação interpessoal de um Eu e um Outro. Eric Landowski considera que ela:

só pode construir-se pela diferença, o sujeito tem necessidade de um *ele* – dos “outros” (*eles*) – para chegar à existência semiótica, [...] o que dá forma à minha identidade não é só a maneira pela qual eu me defino [...] é também a maneira pela qual objetivo a *alteridade do outro* atribuindo um conteúdo específico à diferença que me separa dele. (LANDOWSKI, 2002, p.4).

Na narrativa em questão, a identidade de Rosa Caramela é construída pelos outros, que a colocam na posição de alguém sem qualquer pertencimento social:

A corcunda era a mistura das raças todas, seu corpo cruzava os muitos continentes. A família se retirara, mal que lhe entregava na vida. Desde então, o recanto dela não tinha onde ser visto. Era um casebre feito de pedra espontânea, sem cálculo nem aprumo. Nele a madeira não ascendera à tábua: restava tronco, pura matéria. Sem cama nem mesa, a marreca a si não se atendia. Comia? Ninguém nunca lhe viu um sustento. Mesmo os olhos lhe eram escassos, dessa magreza de quererem, um dia, ser olhados, com esse redondo cansaço de terem sonhado. (COUTO, 1998, p.15).

Nesse parágrafo, vemos claramente o caráter de marginalidade de Rosa Caramela, pelas expressões “mistura das raças”, “muitos continentes”,

“a família se retirara”, que representam que ela não se identificava por uma raça definida, não tinha vínculos de pátria e família, o que contribuía para que ela fosse excluída do grupo. É inumana a condição de Rosa Caramela: ela é fruto de uma miscigenação, foi abandonada pela família e mora num casebre onde a pobreza está escancarada. Isso tudo se reflete também em seus traços físicos. Os seus olhos apresentam o “redondo cansaço de terem sonhado”, mas o seu rosto é belo e contrasta com a feiúra de seu corpo: “A cara dela era linda, apesar. Excluída do corpo, era até de acender desejos. Mas se às arrecuas, lhe espreitassem inteira, logo se anulava tal lindeza”. (ibidem).

Temos nesses trechos iniciais do conto uma grande descrição de Rosa Caramela, com traços bastante singulares e que causam estranhamento. Mas para quem são singulares? Para quem causam estranhamento? Ao levantarmos a discussão sobre a alteridade, essas questões precisam ser respondidas. Isso porque a alteridade pressupõe um Eu (Um) e um Outro, e todos os julgamentos, toda a diferenciação, partem de um ponto de vista, conforme teoriza Eric Landowski, segundo quem: “o fato de o Outro ser “diferente” não significa, necessariamente, que o seja no absoluto”. (LANDOWSKI, 2002, p.14)

No caso de “A Rosa Caramela”, o que se pode dizer é que não é apenas ao narrador que os traços da protagonista e sua conduta causam estranhamento. É a todo um grupo social que habita no mesmo espaço que a protagonista e o qual o narrador representa.

Quanto à Rosa Caramela, já que as pessoas rejeitavam estabelecer comunicação com ela, a personagem então se ocupa com as estátuas, na esperança de conseguir contato com elas. Esse comportamento, estranho para a comunidade, é assim apresentado pelo narrador: “Nos jardins, ela se entretinha: falava com as estátuas. Das doenças que sofria, essa era a pior [...] palavrear com estátuas, isso não, ninguém podia aceitar. [...] E ela, frente aos estatuados, cantava de rouca e inumana voz: pedia-lhes que saíssem da pedra. Sobressenhava”. (COUTO, 1998, p.16). Essa atitude de Rosa demonstra sua carência de afeto, agravada pelo abandono do noivo à beira do altar, o qual não comparecera à cerimônia de casamento. Essa era a única história que se contava sobre ela, e até se cogitava que nem noivo teria havido: “O que parece é que nenhum noivo não havia. Ela tirara tudo aquilo de sua ilusão. Inventava-se noiva, Rosita-namorada, Rosa-matrimoniada.” (idem, p.17). Assim, pensou-se que a história fosse pura imaginação da corcunda. Mas para ela, o jovem acabara com seu sonho de casamento: “Toda a vida ela sonhara a festa. Sonho

de brilhos, cortejo e convidados. Só aquele momento era seu, ela rainha, linda de espalhar invejas. Com o longo vestido branco, o véu corrigindo as costas. Lá fora, as mil buzinas”. (idem, p.16-17). Abandonada, ninguém consolou Rosa Caramela, ela “ficou-se no consolo do degrau, a pedra sustentando o seu universal desencanto”. (idem, p.17). Segundo o narrador, essa desilusão amorosa da corcunda pode ter originado sua relação com as pedras e a sua loucura, o que fez com que a internassem num hospital.

Tudo isso evidencia o apagamento da alteridade, a exclusão máxima do Outro, a ponto de ter que buscar num elemento não-humano a atenção, o afeto, o diálogo que não consegue com os homens, apenas porque para esses é diferente, anormal. É a desconsideração máxima, que é notada também quando Rosa é internada no hospital e esquecida: “Rosa não tinha visitas, nunca recebeu remédio de alguma companhia”. E assim, a relação que ela já tinha com as estátuas, colocada no início do conto, tornou-se ainda mais íntima, pois: “Fez-se irmã das pedras, de tanto nelas se encostar. Paredes, chão, tecto: só a pedra lhe dava tamanho. Rosa se pousava, com a leveza dos apaixonados, sobre os frios soalhos. A pedra, sua gêmea”. (idem, p.17). A relação com as pedras não se interrompe com a saída de Rosa do hospital, pois quando teve alta, ela: “saiu à procura de sua alma minéria. Foi então que se enamorou das estátuas, solitárias e compenetradas. Vestia-lhes com ternura e respeito. Dava-lhes de beber, acudia-lhes nos dias de chuva, nos tempos de frio”. (idem, p.17). A tal ponto que acabou por se apaixonar por uma das estátuas:

A estátua dela, a preferida, era a do pequeno jardim, frente à nossa casa. Era monumento de um colonial, nem o nome restava legível. Rosa desperdiçava as horas na contemplação do busto. Amor sem correspondência: o estatuado permanecia sempre distante, sem dignar atenção à corcovada. (idem, p.17-18).

O fato de Rosa Caramela venerar a estátua de um colonizador provoca sua prisão, pois ela não permite que se derrube essa estátua, que era um monumento considerado “um pé no passado rasteirando o presente”. (idem, p.20). Essa atitude é interpretada pelos governantes como um desacato, tanto que “O chefe das milícias atribuiu a sentença: saudosismo do passado. A loucura da corcunda escondia outras, políticas razões”. (idem, p.20).

Sobre essa passagem do conto, em que é narrado o aprisionamento de Rosa Caramela, também pode ser levantada uma questão acerca da alteridade, ou melhor, da desconsideração da alteridade. Desconsideração pois os governantes

nem questionam a moça para saber se ela tem alguma justificativa para sua atitude, simplesmente a condenam. Por ela ser diferente, na visão deles, nem tem direito à palavra, ela é simplesmente o Outro que não interessa ao Nós, grupo dominante.

Mas será que Rosa Caramela permanece passiva o tempo todo? Até o ponto em que estamos na narrativa, ela ainda não reagiu, mostrando-se como o Urso da caracterização que Landowski faz de um dos tipos humanos. O Urso seria, para Landowski, aquele sujeito que leva sua vida “sem se preocupar a mínima com o olhar, indiferente ou curioso, aprovador ou desaprovador, de outrem”. (LANDOWSKI, 2002, p.43).

No entanto, Rosa reage. Durante o enterro do enfermeiro, Rosa Caramela, enfim, manifesta sua revolta com as pessoas

Olhando os presentes, ela ergueu a voz, parecia maior que uma criatura:  
- E agora: posso gostar?  
Os presentes recuaram, só se escutava a voz da poeira.  
- Hein? Desse morto posso gostar! Já não é dos tempos. Ou deste também sou proibida? (COUTO, 1998, p.22).

Quando Rosa interroga as pessoas se pode gostar do morto, demonstra sua indignação por ter sido proibida de zelar pelas estátuas. É aqui que a identidade de Rosa Caramela se revela fugazmente. Isto se pudermos falar em identidade. Levando em consideração a afirmativa de Denys Couche de que: “a identidade é uma construção que se elabora em uma relação que opõe um grupo aos outros grupos com os quais se está em contato” (COUCHE, 1998, p.182), pensamos que, no caso de Rosa Caramela, parece que nem é ela que constrói sua identidade, se acreditamos que ela tem uma identidade, uma vez que sabemos dela apenas aquilo que o narrador apresenta. Mas considerando que a protagonista tenha uma identidade, essa identidade parece construída somente pelo grupo que a cerca, e não por ela mesma. Além do que, “não há identidade em si, nem mesmo unicamente para si. A identidade existe sempre na relação a uma outra”. (COUCHE, 1998, p.183). Portanto, firmando-se no fato de que Rosa Caramela não tem relações pessoais, pode se dizer, talvez, que ela é uma personagem sem identidade.

Na parte final do conto, o narrador-observador narra uma noite de insônia, quando ele vai ao jardim e vê a estátua arrancada. Vê também Rosa Caramela se dirigir à casa dele (narrador) e seu pai a consolar. Num desfecho

inesperado, o pai do narrador se revela Juca, o noivo de Caramela, e a convida para irem embora. Fica esclarecido, então, porque Rosa Caramela venera a estátua que está no jardim da casa da família do narrador. Ela está substituindo o amor por Juca pelo amor à estátua que ele tem em seu jardim.

Ao chegarmos ao final do conto, fica a pergunta: por que Juca abandonou Rosa Caramela? Podemos pensar que ele a abandonou à beira do altar para não assumir em público a sua relação com ela. Afinal, o que pensariam os outros moradores se ele se casasse com a moça excêntrica que é Rosa Caramela? E aqui entra a questão do preconceito e da discriminação, profundamente relacionados à alteridade. A discriminação é um grande problema e difícil de resolver. O caminho apontado por Álvaro Márquez-Fernández é começar a pensar a alteridade:

sinônimo de aprender a pensar desde una diversidad personal y colectiva, cultural e histórica, en donde la realidad está bien abierta para la convivencia. [...] Aprender a pensar desde la cultura del outro nos permite contextualizar al outro desde un diálogo que le reconozca su autenticidad y originalidad. (MÁRQUEZ-FERNÁNDEZ, 2006, p.327-328)

## **Considerações finais**

As considerações levantadas acerca da protagonista desse conto, Rosa Caramela, apresentam a exclusão social de que essa personagem é vítima devido à singularidade que lhe é atribuída pelos outros que a cercam. Rosa Caramela é considerada diferente porque não tem uma raça, uma pátria nem uma família; por causa de seus traços físicos, do lugar em que vive, de seu comportamento em relação à comunidade humana. Por esses motivos, ela é excluída do grupo a que pertenceria. Rosa Caramela é uma personagem colocada à margem de qualquer pertencimento social. Apesar de ela compensar sua exclusão pela alternativa do sonho e pelo estreitamento de sua relação com o mundo natural, representado pelas estátuas, esse conto mostra a desconsideração da alteridade. Mostra a dificuldade que a grande maioria dos seres humanos tem de se relacionar com quem lhe é diferente, de conviver com pessoas de pensamento diferente, de atitudes diferentes ou com qualquer tipo de diferença.

Em “A Rosa Caramela” evidencia-se o ensimesmamento do sujeito, o egoísmo, a desconsideração do Outro. E quão comum é querer ser o Eu hoje

em dia e não o Outro. Todo mundo quer pertencer ao grupo do Nós, o ponto de referência. Mas, como diz Landowski, o grupo que se identifica como o Nós, isso é, o dominador, não pode se considerar o único detentor do direito de ser plenamente ele mesmo. As pessoas se esquecem de que, apesar de “[...] a diferença ser um fato de natureza, um fato de sociedade: é a diversidade das heranças culturais, dos modos de socialização, das condições econômicas que determina a diversidade dos tipos humanos” (LANDOWSKI, 2002, p.14), as diferenças não justificam atitudes discriminatórias ou preconceituosas. Afinal, “Num mundo de Sujeitos, todo mundo, por definição, é Sujeito do mesmo jeito e no mesmo grau, qualquer que seja a natureza das diferenças que singularizam uns com relação aos outros”. (LANDOWSKI, 2002, p.24).

## Referências

COUCHE, Denys. Cultura e Identidade. In: **A Noção de Cultura nas Ciências Sociais**. São Paulo: EDUSC, 1998.

COUTO, Mía. **Cada homem é uma raça**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

HERMANN, Nadja. Ética, Estética e Alteridade. In: **Cultura e alteridade: confluências**. Org. Amarildo Trevisan, Elisete Tomazetti. Ijuí: Ed. Unijuí, 2006.

LANDOWSKI, Eric. **Presenças do outro**. Ensaios de sociosemiótica. Tradução Mary Amazonas de Barros. São Paulo: Perspectiva, 2002.

MÁRQUEZ-FERNÁNDEZ, Álvaro B. De La Filosofía de La Alteridad a La Ética de La Convivencia Ciudadana. In: **Cultura e alteridade: confluências**. Org. Amarildo Trevisan, Elisete Tomazetti. Ijuí: Ed. Unijuí, 2006.

Recebido para publicação em 31 de agosto de 2010.

Aceito para publicação em 19 de janeiro de 2012.